
Trajetos metodológicos com coletivos juvenis na cidade de São Paulo¹

Silvia H. S. BORELLI²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP

Rosana L. SOARES³

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este texto reconstrói, de forma crítica, os trajetos metodológicos aplicados em pesquisa mais ampla – *Jovens Urbanos: políticas públicas, ações culturais, políticas e comunicacionais em São Paulo* – realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PUC-SP), integrada ao GP CNPq *Imagens, metrópoles e culturas juvenis* e vinculada à Red Iberoamericana de Posgrado en Infancias y Juventudes – RedINJU e ao GT Juventud e Infancia (CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales). Realizado entre março de 2016 e dezembro de 2018, o projeto obteve financiamento do Plano de Incentivo à Pesquisa (PIPEq/ PUC-SP). Na investigação, a concepção de juventude – jovens plurais, em suas múltiplas singularidades e contextualizados historicamente – é tratada de forma qualificada ao considerar diversas dimensionalidades, tais como condições de classe – jovens/coletivos juvenis situados em regiões periféricas da metrópole paulistana –, articuladas em particular à raça-etnia, gênero e migrações.

PALAVRAS-CHAVE: metodologias; coletivos juvenis; cultura; política; narrativa.

Introdução⁴

Os jovens formam um segmento populacional especialmente atingido pelas velozes transformações nas paisagens contemporâneas e em tempos radicais de globalização, em particular, na vida cotidiana das grandes cidades, em todo o mundo. Torna-se um desafio a busca pela compreensão de seus repertórios e suas formas de viver, entrelaçadas pelo sentido de urgência e destemor, pelas tensões entre ousadias e desassossegos, esperanças e incertezas, inclusões e exclusões. Viver as experiências

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora e Livre Docente em Antropologia pela PUC-SP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PUC-SP). E-mail: sborelli@pucsp.br.

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais (ECA-USP). Correio eletrônico: rolima@usp.br.

⁴ A pesquisa contou com a participação de uma equipe formada por graduandos e pós-graduandos em Ciências Sociais (PUC-SP): André S. Queiroz (Mestre); Ariane Aboboreira (Doutoranda); Bianca F. Fasano (Mestre); Livia C. Almendary (Doutoranda); Maria Claudia S. Paiva (Doutoranda); Mateus Garzaro Catelan (Graduado); Priscila Klaus (Mestre); Regina Arruda Medeiros (PIBIC/CNPq); e Thiago S. Venanzoni (Doutor em Meios e Processos Audiovisuais. ECA-USP).

metropolitanas e experimentar o inevitável conjunto de contradições da vida nas periferias do mundo – classe, etnia, gênero, capital cultural, condição como migrante – supõem o enfrentamento de barreiras de acesso e de mecanismos de exclusão, mas também a busca por possíveis brechas inclusivas.

É possível perceber nos últimos anos um significativo protagonismo de coletivos juvenis, “mais ou menos” autônomos e colaborativos, “mais ou menos” institucionalizados que “soltam a voz”, definem espaços, marcam territórios e respondem por formas de ocupação – ora consentidas, ora insidiosas – dos espaços na metrópole. Interferem na questão urbana e permitem a emergência de conflitos entre as esferas pública e privada. Provocam tensões na relação entre institucionalidades e processos de (des)institucionalização e ampliam as possibilidades de ações e práticas políticas “fora” do âmbito estritamente institucional. Transformam lugares de preconceito e estigma em “lugares seus”: lugares possíveis de empoderamento, de aprendizagem, de experiências ímpares; lugares de fronteira entre o conhecido e o que está para ser compreendido; lugares de fluxos, identidades/ pluralidades. Propõem novas formas de manifestação, que mesclam “participação” e “ativismo”. Expressam-se pela mescla entre cultura e política e demandam novos referenciais de base epistemológica, teórica e metodológica para a sua compreensão e interpretação.

Nesse sentido, observa-se, nas últimas décadas, a existência de inúmeras experiências juvenis de participação e mobilização cultural e ações políticas no território urbano, a despeito das violências, injunções e adversidades que acompanham esse segmento populacional. Em resposta às perspectivas colocadas por esses contextos, enfatiza-se aqui uma reflexão sobre as diversificadas ações coletivas culturais, comunicacionais e políticas, protagonizadas pelos jovens em diferentes contextos; e analisa-se a possibilidade de que essas ações resultem em transformações, tanto no contexto das políticas públicas, quanto nas práticas sociais de/ para / sobre juventudes, como, ainda, no campo teórico-metodológico sobre jovens, juventudes, culturas juvenis. Destaca-se uma concepção de juventude(s) – plurais, em suas múltiplas singularidades e contextualizadas historicamente – e dos jovens como sujeitos ativos e produtores de práticas, subjetividades e identidades, capazes de contribuir tanto para suas próprias transformações, quanto para as mudanças desejadas, em direção à equidade, à paz, ao fortalecimento da democracia e à diminuição das desigualdades. Um dos eixos de sustentação desta proposta está centrado na avaliação das relações entre cultura e

política e a forma pela qual a cultura ora se manifesta como elemento de mediação das práticas políticas, ora se caracteriza, ela mesma, como ação política em si.

Buscando aportes teórico-metodológicos para a elaboração de investigações que possam dar conta de tais desafios, são apresentados, a seguir, os trajetos metodológicos de pesquisa mais ampla realizada junto a coletivos juvenis na cidade de São Paulo, entre os anos de 2016 e 2018. Os métodos e instrumentos utilizados, construídos especificamente para a pesquisa após delimitação de seu campo de abrangência, respondem aos objetivos do trabalho ao mesmo tempo em que constroem, gradativamente, as etapas de sua execução. Assim, promover e aprofundar a reflexão sobre as práticas político-culturais dos coletivos e as múltiplas urbanidades que articulam tanto a cidade imaginada e planejada, como aquela cidade ocupada e vivida, e os territórios juvenis a elas associados, coloca-se como uma das metas da pesquisa.

Caracterizadas como mediações culturais e comunicacionais (MARTÍN-BARBERO, 1987), essas práticas são concebidas como narrativas, interferindo nos discursos a elas relacionados. Nesse sentido, práticas sociais e práticas discursivas estão interligadas, articulando sociabilidades e subjetividades. O discurso é, assim, considerado como *espaço heterogêneo*, sempre em movimento e cuja unidade se faz em relação a discursos outros, que se manifestam, muitas vezes, naquilo que é dito justamente em uma instância de *não-dito*, e/ou em marcas que facilitam ou indicam caminhos para identificação da cena enunciativa. A noção de “formações discursivas”, proposta por Foucault (1997, p. 136), apresenta tal conceito como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa”.

Se as narrativas constituem uma das práticas discursivas possíveis, podemos afirmar que se apresentam como uma espécie de “superfície discursiva”, correspondendo “ao conjunto dos enunciados realizados, produzidos a partir de uma certa posição; mas também pode-se interpretá-lo como o sistema de restrições que permite analisar a especificidade desta superfície discursiva” (MAINGUENEAU, 1997, p. 24). É, portanto, como elemento instituidor de realidades e por elas instituído que o discurso se apresenta (SOARES, 2009). Essa perspectiva aponta para a correlação e a reciprocidade entre processos de constituição social e textual, ponto crucial se

considerarmos as narrativas juvenis apresentadas, especialmente a *função testemunhal* que podemos a elas atribuir.

Ou seja, é na polêmica multiplicidade de vozes que compõem seus discursos que os jovens articulam uma narrativa coesa e unívoca, mas, ao mesmo tempo, múltipla e diversa. Se sentido e contexto não são preestabelecidos, mas interdependentes, a enunciação é sempre assimétrica, mobilizando saberes diversos. Aquele que interpreta os enunciados reconstrói seus sentidos a partir de indicações presentes nos enunciados produzidos, mas nada garante que o que ele reconstrói coincida com as representações do enunciador. As polêmicas e passagens que envolvem as formações discursivas não surgem, portanto, do exterior, mas presumem a partilha de um campo discursivo articulando, em um mesmo movimento, sua identidade e sua relação com discursos outros, possibilitando caminhos outros nos quais tecer as narrativas juvenis.

Método e metodologias de pesquisa

A pesquisa propõe uma metodologia capaz de integrar características qualitativas com perspectiva multidisciplinar que potencializa as contribuições da Antropologia, da Sociologia e da Comunicação:

Nota-se como base epistemológica desta proposta a preocupação em conectar áreas de conhecimento, como ciências sociais e comunicação, também pela via de experiências metodológicas comuns e práticas de pesquisa que tentam superar suas origens disciplinares para responder a desafios de compreensão das temáticas e objetos situados nas fronteiras de diferentes paradigmas teóricos e metodológicos e em campos particulares do saber. (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2009, p. 16).

Relaciona, além disso, juventudes e formas de participação político-culturais, e articula jovens e coletivos juvenis às condições de exclusão vividas na cidade de São Paulo.

Ainda que privilegie a análise qualitativa e a crítica cultural, a pesquisa considera dados quantitativos coletados em fontes primárias (levantamentos consolidados, estatísticas oficiais, mapas e cartografias), e destaca estratégias de campo, tais como observação de práticas político-culturais (OP), entrevistas em profundidade (EP) e apreensão de relatos produzidos e apropriados pelos jovens. Importa compreender as experiências e representações que fazem de si, dos outros e da realidade

que os cerca. Trata-se de compartilhar e interagir com os jovens em seus próprios contextos – “lugares meus” – e em cenários especialmente organizados para a coleta de informações:

Estes “lugares meus” revelam a ação empreendida na transformação da cidade em um lugar reconhecido como seu, em estratégias simbólicas e corporais de “mobiamento” do espaço urbano, de ocupação de seus territórios e de impressão, na temporalidade metropolitana, de uma experiência temporal tipicamente juvenil. É ainda nestes campos de encontro que os jovens também se desencontram e se enfrentam, entre si e também com aqueles que julgam diferentes, sejam outros jovens, os adultos ou, em alguns casos, a própria cidade de São Paulo. (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2009, p. 17).

Os relatos dos jovens são, assim, um lugar epistemológico e metodológico privilegiado para observar suas representações e formas de socialização que permitem investigar os movimentos de ruptura e continuidade, de enraizamento e deslocamento. Ressalta-se que, em qualquer situação, investigadores e investigados se afetam mutuamente.

O universo empírico da pesquisa foi constituído por jovens, entre 15 e 29 anos⁵, moradores da cidade de São Paulo, integrantes de coletivos juvenis. A delimitação desse universo (jovens urbanos) parte de variáveis como faixa etária, moradia, gênero, raça/etnia, processos migratórios, origens familiares, trajetória educacional e mundo do trabalho.

Vale ressaltar que uma das etapas significativas do processo de pesquisa de campo esteve relacionada à busca pelos coletivos e à definição de critérios para esse mapeamento. Isso se tornou deveras complexo devido à multiplicidade de ações político-culturais protagonizadas por coletivos mais ou menos organizados e, talvez, menos institucionalizados em suas relações com políticas sociais, e mais autônomos na proposição e realização de seus projetos. Isso porque, em etapas anteriores de nossas investigações com juventudes⁶, a abordagem era mediada por institucionalidades localizadas em territórios periféricos e conectada a movimentos sociais, organizações não governamentais e órgãos estatais, gestores de políticas públicas na cidade de São Paulo; e o acesso era individualizado e voltado para lideranças locais.

⁵ A faixa etária se constitui como um referencial definido pelas políticas públicas no Brasil; é aqui assumida como tendência e articulada a uma concepção *estendida* das juventudes.

⁶ Borelli, Rocha, Oliveira *et al.* (2009) e Relatório Final de Pesquisa CAPES/MINCYT (2012-2017) (BORELLI; PALERMO, 2017).

Em decorrência das mudanças percebidas, tornou-se necessário repensar metodologicamente as formas de abordagem e responder a algumas indagações: onde encontrá-los? Como estabelecer contato? O que fazem? Quais as ações realizadas? E suas vidas cotidianas? Tomando por base a hipótese de que as instituições não seriam atuações exclusivas e de amplo alcance, as redes sociais tornaram-se fundamentais na elaboração preliminar do mapeamento dos coletivos juvenis.

Em um primeiro momento⁷ foram estabelecidos critérios teórico-metodológicos para a formatação de uma planilha representativa dos diferentes cruzamentos em questão: eixos (étnico-racial, gênero e migrações); categorias analíticas (biorresistência/ biocultura, discurso/ narrativa, diversidade cultural/ interculturalidade, fronteiras, forma e conteúdo, hegemonia/ contra-hegemonia, hibridismos, identidades, performance, tradições/ rupturas); e modalidades culturais (audiovisual, circo, comunicação, dança, fotografia, intervenções urbanas, linguagens digitais, literatura, música, poesia, teatro, tecnologias).

De longa duração⁸, o segundo momento resultou na montagem de uma sequência de planilhas com o mapeamento panorâmico de uma diversidade de coletivos encontrada na coleta de dados em redes sociais. Observa-se que a planilha passou por transformações à medida que novos coletivos eram localizados, demonstrando que o processo ocorria de maneira dinâmica, ora porque um deles poderia responder por mais de um dos eixos (gênero e étnico-racial que demandava, por exemplo, uma reflexão sobre interseccionalidade), ora porque as modalidades culturais estavam articuladas em uma mesma ação (como na composição do hip-hop, a mescla entre música, dança e artes visuais) ora, ainda, porque o universo dos coletivos se mostrou bem mais amplo do que suposto inicialmente.

O terceiro momento, por sua vez, esteve centrado na seleção e consolidação dos coletivos para a realização da etapa subsequente de coleta de dados (observações das práticas político-culturais e entrevistas em profundidade). Essa seleção levou em consideração aqueles que, em seu perfil de atuação, respondiam aos objetivos gerais dessa pesquisa – articulação entre práticas político-culturais de coletivos juvenis com as

⁷ Cabe ressaltar que esse processo de concepção e articulação da metodologia foi de fundamental importância na resposta a um dos objetivos desse grupo de pesquisa, a saber: formação de jovens pesquisadores (graduandos, mestrandos, doutorandos).

⁸ Entre outubro de 2016 e março de 2018 foram organizadas seis versões da mesma planilha, com totais que variaram entre 50 e 70 coletivos registrados. Na versão final, resulta um total de 81 coletivos mapeados (ver Relatório Final de Pesquisa Jovens Urbanos em BORELLI; SOARES; RANGEL *et al.*, 2018).

múltiplas urbanidades; formas de participação política mediadas por ações culturais e comunicacionais – e à proposta metodológica de cruzamento entre eixos, categorias analíticas e modalidades culturais. Nota-se que a aceitação, por parte de integrantes dos coletivos, para participar da investigação tornou-se um critério relevante na definição do universo da pesquisa.

Baseado em pesquisa *on-line* e *off-line* (AMARAL, 2010), o trabalho de campo, realizado entre 2016 e 2018, privilegiou instrumentos de coleta, tais como observações das práticas político-culturais e entrevistas em profundidade (ambas com roteiros semiestruturados), e análise de dados por meio do *software* MaxQda⁹.

A observação das práticas político-culturais (realizadas entre 06/05/2016 e 13/03/2018) foi um recurso adotado em, pelo menos, duas situações de pesquisa de campo: a) para observar características, formas e alternativas de sociabilidade, sensibilidade e visualidade manifestadas nos territórios juvenis, e realizar entrevistas em profundidade; b) como recurso complementar de captação de informações nos locais de origem dos jovens.

As entrevistas em profundidade e a coleta de entrevistas em redes sociais (realizadas entre 13/03/2018 e 25/06/2018) foram utilizadas em três situações: a) como resultado do levantamento prévio estabelecido durante as observações das práticas político-culturais, foram selecionados coletivos visando o aprofundamento dos eixos norteadores da pesquisa (raça-etnia, gênero e migrações); b) como instrumento de coleta para busca intencional em territórios juvenis (pontos de encontro e sociabilidade dos jovens, objetivando adensamento de dados resultantes das observações); c) em situações de abordagem a lideranças e formadores de opinião.

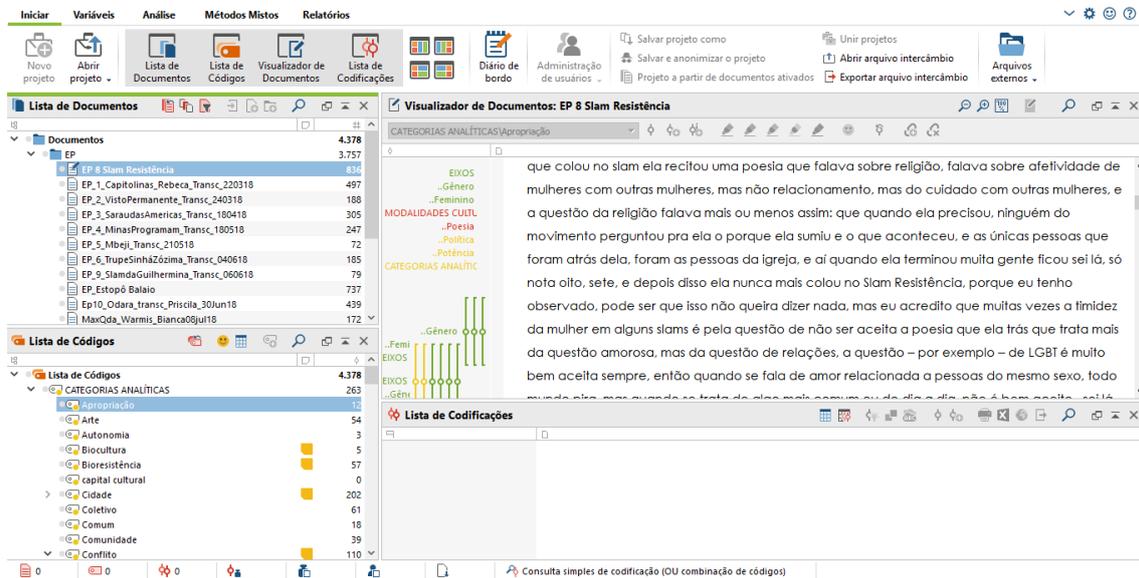
O MaxQda¹⁰ é um *software* destinado à análise qualitativa de dados coletados e organizados em diferentes formatos, como textos, planilhas, áudios, vídeos, entre outros, e teve por objetivo a codificação das informações desses documentos para serem interpretadas posteriormente seja na produção de textos ou na edição de áudios e vídeos. Como demonstrado na Fig. 1, em sua interface há quatro janelas: na primeira delas, há a lista dos arquivos que foram importados para serem trabalhados no projeto; na janela abaixo, vê-se a lista de categorias e subcategorias criadas pelos usuários para a

⁹ Informações disponíveis em: <https://www.maxqda.com/brasil/software-analise-qualitativa>.

¹⁰ Informações do site oficial do *software* MaxQda. Disponível em: <https://www.maxqda.com/brasil/software-analise-qualitativa>.

codificação dos arquivos; na terceira janela, encontra-se os textos ou vídeos para a codificação; já na última janela é possível verificar os resultados da codificação.

Figura 1 – Interface MaxQda



Fonte: Elaborado pela equipe de pesquisa, em 2018.

O usuário pode alterar a ordem dessa interface, porém esse é a padrão do *software* e foi utilizado nas codificações dos arquivos da pesquisa. A categorização ocorre de forma manual ao selecionar-se um trecho do texto e vinculá-lo à subcategoria correspondente. Esta categorização permite a criação de relatórios de subcategorias individuais ou do cruzamento de mais de uma delas. Ademais, é possível a apresentação dos resultados das categorizações de diversas formas gráficas, como em nuvem de palavras, destacando as de maior incidência, tabelas, relatórios, frequências estatísticas, entre outros.

Os recursos do programa foram utilizados para a organização dos dados qualitativos das entrevistas em profundidades realizadas, sendo que todas elas foram previamente transcritas e os textos foram codificados no MaxQda. Para o ordenamento, foram criados três grupos principais: categorias analíticas, eixos de análise e modalidades culturais. Dentro desses grandes conjuntos, foram propostas 83 subcategorias, sendo 64 delas referentes a categorias analíticas, cinco subcategorias em eixos e catorze em modalidades culturais. Após a categorização individual de cada entrevista, elas foram unidas em apenas um arquivo e foram extraídos relatórios por

subcategorias, contendo os trechos dos textos vinculados à subcategoria correspondente, além da informação a qual entrevista correspondiam. Tais relatórios serviram de base para a construção das análises.

Para as observações das práticas político-culturais, foi elaborado um roteiro semiestruturado que possibilitou uma aproximação gradativa a diversos coletivos juvenis, bem como, em um segundo momento, a seus integrantes. Da mesma forma, esse instrumento propiciou a busca por alternativas de imersão nas narrativas juvenis coletadas, promovendo maior substrato para compreender, de forma mais ampla, quem são os jovens capazes de apontar caminhos para a realização, posteriormente, das entrevistas em profundidade: quem entrevistar? Quais os critérios utilizados? Como buscar em suas narrativas nuances reveladoras desse universo que os cerca?

Esse acercamento ao universo juvenil permitiu um adensamento de diálogos, debates e perspectivas sobre as juventudes, assim como possibilitou o estreitamento de vínculos nas relações entre pesquisadores e jovens envolvidos. Tomando por base as informações coletadas pelas observações, foi possível organizar a etapa de elaboração de roteiro para a realização de entrevistas, agora com ênfase nos eixos definidores da investigação: raça-etnia, gênero e migrações.

As entrevistas em profundidade mostraram-se essenciais não apenas para a coleta de informações, mas para o delineamento, de modo mais próximo, dos jovens sujeitos da investigação. Baseadas em um extenso roteiro dividido de acordo com as categorias analíticas, eixos de análise e modalidades culturais, foram abordados os seguintes aspectos principais: formas de participação em coletivos juvenis, vínculos institucionais, relações entre cultura e política, concepção dos territórios urbanos, lazer e consumo cultural, raça-etnia, gênero, migrações. Com duração de duas a três horas, cada entrevista foi realizada por duplas ou trios de pesquisadores em locais escolhidos pelos entrevistados, algumas vezes em seus locais de atuação, outras em espaços públicos ou centros culturais da cidade. Pensado de forma dinâmica, o roteiro propiciou, ao mesmo tempo, o levantamento de temáticas e problemáticas gerais, e a especificação das singularidades de cada coletivo, apontando suas recorrências e diversidades, e constituindo o material base da pesquisa para posterior articulação com seus aportes teóricos, além da construção de um protocolo metodológico complexo e original.

Por meio das entrevistas, realizadas de forma dialógica e caracterizadas muito mais como depoimentos e testemunhos do que como meras respostas a questões

elaboradas, do exterior, pelos pesquisadores, os integrantes dos coletivos estabeleceram relações entre raça-etnia, gênero, migrações, classe e geração. Tais articulações contribuem para a compreensão não apenas dos modos de experienciar suas realidades, mas de como distintas interseccionalidades colaboram para uma análise mais abrangente das relações entre juventude, cultura e política. Dessa forma, observa-se que a atuação política por meio da cultura, com enfoque para o recorte geracional de juventude, é consideravelmente distinta quando efetivada em um coletivo composto por homens negros jovens migrantes ou por homens brancos heterossexuais brasileiros, ou ainda por homens negros brasileiros sem sexualidade definida, entre outros exemplos possíveis.

Em outras palavras, as interseccionalidades também podem significar que os lugares – ou posições – que cada coletivo ocupa na sociedade são distintos (RIBEIRO, 2017), havendo múltiplas possibilidades de existência na produção cultural. É possível que dois coletivos atuem de forma similar (mescla variável entre políticas públicas, vínculos institucionais e práticas mais autônomas) e se distingam pela modalidade cultural ou pelos eixos de análise voltados a questões de classe, preconceitos étnico-raciais, relações desiguais de gênero ou geracionais, entre outras. As relações podem variar de forma cada vez mais complexa conforme articulamos as semelhanças e diferenças entre os coletivos.

Considerações finais

Os trajetos metodológicos elaborados ao longo da investigação de coletivos juvenis na cidade de São Paulo apontam o reconhecimento das múltiplas possibilidades percebidas em suas práticas político-culturais, para se constatar a polifonia discursiva da produção cultural dos jovens e, ainda, denotar a visibilidade dessa diferença e a articulação de diversas pautas políticas, de modo a torná-las mais potentes e efetivas. A questão da identidade cultural como uma busca política (HALL, 2011) é um dos pontos principais trazidos por essa pesquisa, identidades essas estimuladas por políticas culturais da diferença.

Envolvendo diversos aportes teórico-metodológicos, observa-se, como demonstrado no artigo, o processo de construção gradual da pesquisa, envolvendo diversas etapas até sua configuração em três eixos principais: raça-etnia, gênero e migrações, agrupando em torno deles os diferentes coletivos juvenis. Nota-se uma forte

interrelação entre os distintos eixos, que se cruzam de modo transversal e, ao fazê-lo, imprimem ênfases variadas a esses atravessamentos. A questão étnica e racial destaca-se como profundamente articulada às demais, além de tensionar de modo mais radical a questão da juventude, temática que perpassa todos os eixos por ser definidora não apenas da amostragem, mas da própria delimitação de sua temática e da problemática tratada. Finalmente, a fim de articular aspectos analíticos e interpretativos resultantes dos trajetos metodológicos, apontamos uma síntese de cada um dos eixos privilegiados na pesquisa.

Em relação às migrações, retomam-se as análises que apontam para ações político-culturais visando transformações sociais, pessoais e coletivas. Os jovens desses coletivos estão articulados em redes e são essas que possibilitam que suas ações e presenças sejam visibilizadas, atuando em diálogo com coletivos e movimentos sociais brasileiros. As pautas se embaralham e criam oportunidades dessas vozes e corpos ecoarem com maior incidência em cenários múltiplos da cidade, explicitando a busca por construir canais de comunicação para além de uma mídia tradicional ou corporativa. Há também o movimento de se apropriar dos espaços públicos a fim de ressignificar a cidade e seus limites, contribuindo para transformações que alterem a perspectiva de permanência destes jovens em contextos de segregação e exclusão urbanas.

No eixo de gênero, nota-se a ênfase em trazer pautas feministas, desconstruir estereótipos e propor reflexões acerca de temas que recortam o cotidiano de mulheres que estão fora de espaços acadêmicos, mas estão imersas em outras fontes de conhecimentos. Como mostrado, diversos itens dessa pauta permanecem no debate público: desigualdades salariais; falta de representação política formal das mulheres na política; divisão do trabalho doméstico e de cuidado; saúde reprodutiva e sexual; direito ao corpo; das violências contra mulheres, entre outras que reverberam nas ações desses grupos, que estimulam conversas, recuos e avanços, parcerias e reflexões sobre as ações. Há objetivos muito claros nas propostas das atividades e há também diversidade de perspectivas que indicam uma pluralidade de vozes que seguem dialogando na cidade de São Paulo.

O eixo raça-etnia se mostrou presente em diversos momentos da investigação – na estrutura, nas ações e nas narrativas dos coletivos entrevistados –, como também na transversalidade em relação aos outros eixos articuladores na pesquisa. O debate que envolve as questões raciais e étnicas se apresenta de forma complexa, já que ao pensar

na possibilidade de determinada identificação étnica corre-se o risco de buscar grupos culturais fechados, perdendo de vista a presença constante dessa questão ao se observar sociedades extremamente desiguais e violentas como a brasileira. Esse debate, resultante dos caminhos metodológicos aqui colocados, aponta para as relações que os jovens integrantes dos coletivos criam entre raça-etnia, gênero, migrações, classe e geração, contribuindo para entendermos seus modos de vivenciar e experienciar as realidades em que se encontram, e suas distintas interseccionalidades, possibilitando, assim, a análise mais abrangente das relações entre juventude, cultura e política, foco central tanto na proposição da pesquisa, como de seus resultados.

Referências bibliográficas

AMARAL, A. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. *Revista USP*, (86), 122-135, 2010. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i86p122-135>.

BORELLI, S. H. S.; SOARES, R. L.; RANGEL, L. H. V. *et al.* **Jovens Urbanos: Políticas Públicas, Ações Culturais, Políticas e Comunicacionais em São Paulo**. [Relatório Final de Pesquisa], Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018.

BORELLI, S. H. S.; PALERMO, A. I. **Políticas públicas e participação juvenil no Brasil e na Argentina: inovações e apropriações**. [Relatório Final de Pesquisa, Programa CAPES-MINCYT (Brasil/Argentina)], 2017.

BORELLI, S. H. S.; ROCHA, R. M.; OLIVEIRA, R. A. *et al.* **Jovens na cena metropolitana. Percepções, narrativas e modos de comunicação**. São Paulo: Paulinas, 2009.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1997.

MARTÍN-BARBERO, J. **Procesos de comunicación y matrices de cultura: itinerario para salir de la razón dualista**. Mexico. G. Gili/Felafacs. 1987.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SOARES, R. L. **Margens da comunicação: discurso e mídias**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.